

## AS MARCAS DE ORALIDADE NA CRÔNICA DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Lucy Aparecida Melo Araújo

Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/ PUC-SP

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise das marcas de oralidade em narrativas literárias, tomando como exemplo a crônica ‘*Lixo*’, de Luís Fernando Veríssimo. A crônica é tomada, aqui, como corpus linguístico, como a gravação de uma conversa espontânea. As marcas de oralidade presentes no texto, se consideradas as conversações típicas do dia a dia como modelo, conferem a ele a naturalidade e a espontaneidade esperadas de uma situação cotidiana, inspiração do cronista para a sua criação literária. A observação do diálogo ficcional em sala de aula permite ao aluno a familiarização com importantes conceitos da Sociolinguística e da Análise da Conversação, contribuindo para o desenvolvimento de sua competência linguística.

**Palavras-chave:** Crônica. Oralidade. Diálogo ficcional.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por objetivo analisar as marcas de oralidade em narrativas literárias, mais precisamente na crônica ‘*Lixo*’, de Luís Fernando Veríssimo, publicada pela primeira vez em seu livro *O analista de Bagé*, em 1981, pela editora L&PM. Convém ressaltar que não nos interessam os recursos estilísticos do autor, nem as características literárias do texto, que é tomado, aqui, como corpus linguístico, como a gravação de uma conversa.

Assim como ocorre com outras crônicas de Veríssimo, a crônica escolhida para análise possui semelhança com o texto teatral - dada a predominância do discurso direto dos personagens, sem a intervenção do narrador -, característica esta que a torna parecida com a conversação face a face. No entanto, é claro que esbarramos em questões que envolvem a análise de *diálogos construídos*. A imitação da conversação face a face, por mais que se pretenda verossímil e expressiva, terá mais fluidez sintática e será mais constante. Conforme Silva (2009), ao analisarmos a natureza dos *diálogos construídos*, podemos observar que:

com respeito à *concepção*, ele se acha em uma posição intermediária entre *oralidade* e *escrituralidade*, pois não deixa de apresentar uma série de características que encontramos nas conversações face a face, prototípica da *oralidade*. Por outro lado, é inegável que, com respeito ao *meio*, o diálogo construído está na esfera da *escrituralidade*, pois o meio gráfico é a forma pela qual os leitores conhecerão os diálogos estabelecidos entre as personagens. (SILVA, 2009, p. 157)

Contudo, é interessante analisar as características próprias da *oralidade* que aparecem na crônica como um recurso utilizado pelo cronista, a fim de que seu texto expresse da maneira mais fidedigna possível uma conversa real e espontânea. Sobre isso, afirma Preti:

Como constitui uma manifestação escrita, a linguagem literária tem afinidades maiores com essa modalidade de língua. Por mais que se pretenda aproximá-la do fenômeno da oralidade, o escrito literário pressupõe uma elaboração por parte do escritor, ainda mesmo quando sua intenção seja a de aproximar o que escreve da naturalidade da fala. (PRETI, 1999, p. 218)

Os *diálogos construídos* assumem grande importância no contexto educacional, se considerarmos a dificuldade encontrada pelos professores de Língua Portuguesa em trazer para a sala de aula gravações de conversas espontâneas que possibilitariam tanto a análise da língua falada e sua comparação com a língua escrita, quanto a familiarização com conceitos importantes da Sociolinguística e da Análise da Conversação para o desenvolvimento da competência linguística do aluno.

## **O TEXTO SOB ANÁLISE**

*Lixo*

*Luís Fernando Veríssimo*

*Encontram-se na área de serviço. Cada um com o seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.*

— *Bom dia...*

— *Bom dia.*

— *A senhora é do 610.*

— *E o senhor do 612.*

— *É...*

— *Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...*

— *Pois é...*

— *Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...*

— *O meu quê?*

— *O seu lixo.*

— *Ah...*

- *Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...*
- *Na verdade sou só eu.*
- *Mmmm... Notei também que o senhor usa muito comida em lata.*
- *É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...*
- *Entendo.*
- *A senhora também...*
- *Me chama de você.*
- *Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...*
- *É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas como moro sozinha, às vezes sobra...*
- *A senhora... Você não tem família?*
- *Tenho, mas não aqui.*
- *No Espírito Santo.*
- *Como é que você sabe?*
- *Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.*
- *É. Mamãe escreve todas as semanas.*
- *Ela é professora?*
- *Isso é incrível! Como você adivinhou?*
- *Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.*
- *O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.*
- *Pois é...*
- *No outro dia, tinha um envelope de telegrama amassado.*
- *É.*
- *Más notícias?*
- *Meu pai. Morreu.*
- *Sinto muito.*
- *Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.*
- *Foi por isso que você recomeçou a fumar?*
- *Como é que você sabe?*
- *De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.*
- *É verdade. Mas consegui parar outra vez.*
- *Eu, graças a Deus, nunca fumei.*
- *Eu sei, mas tenho visto uns vidrinhos de comprimidos no seu lixo.*
- *Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.*
- *Você brigou com o namorado, certo?*
- *Isso você também descobriu no lixo?*
- *Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.*
- *É, chorei bastante, mas já passou.*
- *Mas hoje ainda tem uns lencinhos.*
- *É que estou com um pouco de coriza.*
- *Ah...*
- *Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.*
- *É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.*
- *Namorada?*
- *Não.*
- *Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.*
- *Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.*
- *Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.*
- *Você está analisando o meu lixo!*
- *Não posso negar que o seu lixo me interessou.*

- *Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.*  
— *Não! Você viu meus poemas?*  
— *Vi e gostei muito.*  
— *Mas são muito ruins!*  
— *Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.*  
— *Se eu soubesse que você ia ler...*  
— *Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?*  
— *Acho que não. Lixo é domínio público.*  
— *Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?*  
— *Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...*  
— *Ontem, no seu lixo...*  
— *O quê?*  
— *Me enganei, ou eram cascas de camarão?*  
— *Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.*  
— *Eu adoro camarão.*  
— *Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...*  
— *Jantar juntos?*  
— *É...*  
— *Não quero dar trabalho.*  
— *Trabalho nenhum.*  
— *Vai sujar a sua cozinha.*  
— *Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.*  
— *No seu lixo ou no meu?*

## **ANÁLISE DO DIÁLOGO FICCIONAL**

### **SITUAÇÃO COMUNICATIVA**

Nas conversações retratadas comumente em crônicas, predominam temas próprios do cotidiano, ou seja, supostamente espontâneos. Na crônica analisada, o que presenciamos é, de fato, uma cena contemporânea e tipicamente cotidiana, em que ocorre um diálogo entre dois vizinhos (um homem e uma mulher) que nunca haviam interagido antes, na área de serviço do prédio em que moram.

Não há referências às condições sociais de ambos, nem relativas à região em que moram, muito menos à profissão que exercem, ou à idade que possuem. No entanto, é possível inferir que sejam duas pessoas adultas, que moram sozinhas e que, a julgar pelos restos de comida no lixo, supostamente, pertencem à classe média.

#### **Exemplo 1**

- *Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...*

Exemplo 2

- *Ontem, no seu lixo...*
- *O quê?*
- *Me enganei, ou eram cascas de camarão?*
- *Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.*

**VARIAÇÃO DE USO: O REGISTRO INFORMAL**

Por se tratar de uma cena cotidiana, o diálogo é estruturado em um *registro informal* da língua. Podemos, entretanto, perceber que o tratamento utilizado no início da conversa é mais formal, a julgar pelo uso dos pronomes ‘*senhor*’ e ‘*senhora*’, que denotam mais respeito e distanciamento em uma situação comunicativa como a que se estabelece entre duas pessoas que nunca interagiram antes:

- *A senhora é do 610.*
- *E o senhor do 612.*

A substituição desses pronomes de tratamento pelo ‘*você*’, de caráter mais informal, reflete a aproximação e uma intimidade gradual, que irá aumentar no decorrer da conversa.

A informalidade pode ser evidenciada, por exemplo, pelo uso do pronome oblíquo ‘*me*’ em início de frases, proibido pela *norma prescritiva*.

Exemplo 1

- *Me chama de você.*

Exemplo 2

- *Me enganei, ou eram cascas de camarão?*

No exemplo 1, ao atentarmos para o uso do imperativo afirmativo, percebemos também a presença da forma verbal ‘*chama*’ (própria da 2ª pessoa do discurso), comumente associada ao pronome de tratamento *você* em situações comunicativas informais e que exigiria, de acordo com a *norma prescritiva*, a forma verbal ‘*chame*’ (própria da 3ª pessoa do discurso):

— Me chama de você.

Ainda como marca de oralidade em registros informais, temos o uso do pronome do caso reto em posição de objeto direto, caso em que a norma prescritiva exigiria o pronome do caso oblíquo:

— Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.

A substituição do pronome ‘*nós*’ pela expressão ‘*a gente*’, típica de registros informais, também aparece:

— Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...

É importante ressaltar que a presença dessas variáveis supracitadas em uma conversação face a face não deve ser considerada índice de incultura. Segundo Preti (1999), elas revelam a *linguagem urbana coloquial*, realizada em um determinado grupo social e caracterizada por marcas de linguagem culta e de linguagem popular.

## **MARCAS DE ORALIDADE**

### **INTERAÇÃO FACE A FACE ENTRE DOIS INTERLOCUTORES E SIMETRIA NOS PAPÉIS CONVERSACIONAIS**

Silva (2009) ressalta que, no caso do *diálogo construído*, há uma preocupação do escritor em representar os aspectos enunciativos da conversação. Na crônica em questão, há vários exemplos dessa dinâmica, quando analisamos como se dá a interação entre os interlocutores. A iniciativa de interação parte do homem, como se observa abaixo:

(Homem) — Bom dia...

(Mulher) — Bom dia.

(Homem) — A senhora é do 610.

(Mulher) — E o senhor do 612.

(Homem) — É...

(Mulher) — Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

(Homem) — Pois é...

Entretanto, coube à mulher a manutenção da conversa, pois, a despeito das respostas lacônicas do homem, parte dela a iniciativa de introduzir uma *pré-sequência* (cf. MARCUSCHI, 2003) capaz de preparar terreno para um evento linguístico posterior:

(Mulher) — *Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...*

Notamos, nos trechos a seguir, a surpresa do homem pela continuidade da conversa e a sua reação monossilábica:

(Homem) — *O meu quê?*

(Mulher) — *O seu lixo.*

(Homem) — *Ah...*

A mulher dá continuidade à conversa e introduz um *tópico conversacional*:

(Mulher) — *Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...*

A partir daí, observamos a interação entre os dois interlocutores com simetria nos papéis conversacionais, pois nenhum dos dois tenta monopolizar a conversa, numa dinâmica própria de conversações cotidianas.

## **DISTRIBUIÇÃO DE TURNOS**

Como relembra Silva (2009), quando se trata de uma conversação face a face, não há distribuição prévia dos turnos e cada participante toma a palavra de acordo com a conveniência, havendo alternância de turnos e de papéis conversacionais. Sobre a distribuição de turnos, podemos levantar alguns aspectos importantes que foram levados em consideração pelo escritor, ao tentar assemelhar seu texto a uma conversação face a face.

## OS PARES ADJACENTES

Marcuschi nos aponta que:

A conversação consiste normalmente numa série de turnos alternados, que compõem sequências em movimentos coordenados e cooperativos. Entre essas sequências, existem algumas altamente padronizadas quanto à sua estruturação. Devido à contiguidade e ao tipo de relações, tais sequências são chamadas de *pares adjacentes*. (MARCUSCHI, 2003, p. 35)

Como exemplos de *pares adjacentes* (ou *pares conversacionais*), localizamos no texto:

- **cumprimento – cumprimento**

(Homem) — Bom dia...

(Mulher) — Bom dia.

- **pergunta–resposta**

Exemplo 1

— A senhora... Você não tem família?

— Tenho, mas não aqui.

Exemplo 2

— Ela é professora?

— Isso é incrível! Como você adivinhou?

— Pela letra no envelope.

Exemplo 3

— Não! Você viu meus poemas?

— Vi e gostei muito.

- **convite -aceitação/recusa**

— Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...

— Jantar juntos?

— É...

— Não quero dar trabalho.

## MECANISMOS DE CORREÇÃO

Além dos *pares adjacentes*, em que se estabelece entre os falantes o *lugar relevante* para a tomada de turno, notam-se também outros tipos de *organizadores conversacionais*. Dada a natureza dinâmica da conversação cotidiana, é comum que haja a necessidade, em alguns momentos, de se voltar atrás e fazer correções sobre o já dito, em um processo que se convencionou chamar de *mecanismo de correção* (MARCUSCHI, 2003). Eles são marcados no texto pelas reticências, que, entre outras funções na língua escrita, marcam a suspensão da fala ou do pensamento.

A preocupação do escritor em representar essa dinâmica evidencia-se em determinados trechos. No caso abaixo, por exemplo, temos uma correção feita pela mulher, a fim de ajustar a conversa para um registro mais informal:

— *A senhora também...*  
— ***Me chama de você.***

O homem, então, ao aceitar que a conversa se dê num nível de informalidade maior, realiza uma *autocorreção autoiniciada*, ao corrigir-se imediatamente após a falha (cf. Marcuschi, 2003), ou seja, após o uso de um pronome de tratamento mais formal:

— *A senhora... Você não tem família?*

## INTERRUPÇÕES E ASSALTOS AO TURNO

Também se observa uma preocupação do autor em simular *interrupções e assaltos ao turno*, como forma de reproduzir a naturalidade da conversação face a face. No caso abaixo, observamos a interrupção do turno da mulher pelo homem, que pode ter ocorrido pelo fato de ele não ter ouvido o que ela havia dito, ou por não acreditar no que ouvia:

— *Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...*  
— ***O meu quê?***  
— *O seu lixo.*

Em dois momentos, observamos o assalto ao turno:

Exemplo 1

— *Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...*  
— *Ontem, no seu lixo...*

Exemplo 2

— *Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...*  
— *Jantar juntos?*

No exemplo 2, temos ainda o que SILVA (2009, p. 162) denomina *sintaxe a dois*, fenômeno caracterizado pela interação dos falantes também em nível sintático, de modo que “os segmentos de diferentes personagens formam um todo único e completo sintaticamente falando”.

## **OS MARCADORES CONVERSACIONAIS**

Longe de pretendermos fazer uma análise exaustiva dos marcadores conversacionais presentes no diálogo, temos aqui a intenção de apontá-los como recurso utilizado pelo escritor, a fim de simular a naturalidade entre os interlocutores, uma vez que são elementos típicos da oralidade. Sobre eles, URBANO (1999) afirma que:

São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. (URBANO, 1999, pp. 85-86).

Possuem função interacional na conversação e podem ser de tipo *linguístico* e *não linguístico* (gestos, olhares, risos etc.). Entre os *linguísticos*, existem os *prosódicos* (pausas, alongamentos, hesitações etc.), os *verbais lexicalizados* e os *verbais não lexicalizados*.

Por se tratar de um texto escrito em forma dialogada, sem a intervenção do narrador no decorrer da conversa, não é possível depreender os *marcadores não linguísticos*, uma vez que o narrador não nos descreve as reações dos falantes.

## **OS MARCADORES PROSÓDICOS**

Por sua vez, os marcadores *prosódicos* são representados por meio de reticências, apenas em finais de frase, como pode ser observado nos exemplos abaixo, quando nos deparamos com uma pausa/alongamento no pensamento, a fim de permitir ao interlocutor a tomada do turno:

### Exemplo 1

— *Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...*

### Exemplo 2

— *Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...*

### Exemplo 3

— *É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...*

— *Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...*

### Exemplo 4

— *É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas como moro sozinha, às vezes sobra...*

## **OS MARCADORES NÃO LEXICALIZADOS**

Quanto aos marcadores não lexicalizados, tomemos como exemplos:

### Exemplo 1

- *E o senhor do 612.*  
— *É...*

Exemplo 2

- *O meu quê?*  
— *O seu lixo.*  
— *Ah...*

Nos exemplos acima, temos marcadores não lexicalizados que funcionam como sinais do ouvinte, que orientam o falante e garantem a sustentação do diálogo. No caso abaixo, teremos um exemplo de marcador que serve como sinal do falante, que lhe permite a organização do pensamento e a manutenção do turno:

Exemplo 3

- *Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...*  
— *Na verdade sou só eu.*  
— *Mmmm...* Notei também que o senhor usa muito comida em lata.

## OS MARCADORES VERBAIS LEXICALIZADOS

No que se refere aos marcadores verbais *lexicalizados*, também encontraremos alguns casos. Em determinados momentos, eles funcionam como sinal do ouvinte, a fim de orientar o falante ou lhe repassar o turno:

Exemplo 1

- *Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...*  
— *Pois é...*

Exemplo 2

- *É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...*  
— *Entendo.*

Exemplo 3:

— *O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.*  
— Pois é...

Exemplo 4

— *Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.*  
— É. Sim. Bem. *Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.*

No exemplo 4, temos também marcadores, no início da fala, que dão ao ouvinte o tempo necessário para que reformule o seu pensamento e responda ao que lhe foi questionado pelo falante.

Nos casos abaixo, teremos marcadores que servem como sinal do falante e que servem de orientação ao ouvinte a fim de lhe repassar o turno e procurar o assentimento do ouvinte:

Exemplo 5

— *Você brigou com o namorado, certo?*

Exemplo 6

— *Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elencarmos características de uma conversação face a face, ao que se costuma chamar de *diálogo construído*, pudemos perceber que, embora haja limitações para uma representação fidedigna, o autor buscou trazer para o seu texto o contexto e as características inerentes a uma situação real. As marcas de oralidade presentes no texto, tomando como modelo as conversações típicas do dia a dia, conferem a ele a naturalidade e a espontaneidade esperadas de uma situação típica do cotidiano, base do cronista para a sua criação literária.

Trazer para a sala de aula conceitos importantes da Sociolinguística e da Análise da Conversação, como *variação de uso, marcas de oralidade, simetria nos papéis*

*conversacionais, distribuição de turnos, pares adjacentes e marcadores conversacionais*, além de contribuir para a análise do diálogo ficcional, contribui para que o aluno tenha acesso a esses conceitos de forma prática, aplicando-os a uma situação comunicativa real.

## **REFERÊNCIAS**

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática. Série Princípios, 2003.

PRETI, Dino. *A língua falada e o diálogo literário*. In: PRETI, Dino F. (org.). *Análise de Textos Oraís*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p.215-236

SILVA, Luiz Antonio da. *Oralidade em contos de Luiz Vilela*. In: PRETI, Dino F. (org.). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009, p.151-186.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática. Série Princípios, 1989.

URBANO, Hudnilson. *Marcadores Conversacionais*. In: PRETI, Dino F. (org.). *Análise de Textos Oraís*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p.81-101.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. 10ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1995, p.68-70.

## **ABSTRACT**

This article intends to present an analysis of the marks of orality in literary narratives, taking as an example the chronic "Lixo", by Luis Fernando Verissimo. This chronic, in this context, is taken as a linguistic corpus, as a recording of a spontaneous conversation. The marks of orality in the text, if considered the typical everyday conversations as a model, give it the naturalness and spontaneity expected of a everyday life situation, Verissimo's inspirations for his literary creation. The observation of fictional dialogue in the classroom allows students to become more familiar with important concepts of sociolinguistics and Conversation Analysis, contributing to the development of their linguistic competence.

**Key words:** Chronic. Oral Communication. Fictional Dialogue.

**Envio: Março/2014**  
**Aprovação para publicação: Abril/2014**